

INDIVIDUALIDADE E PLURALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UM COLETIVO: POSITIVOS E UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA ANTISSOROFÓBICA

PAMELA OLIVEIRA DA ROSA¹; GUSTAVO PIRES IBEIRO²; RAFAELA SOARES
VILLAR³; CASSIAN MARIN PEREIRA RAMIREZ⁴; ROBERTO HEIDEN⁵

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – pamela_oliveira91@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – gustavoppires7@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – rafaelasvillar@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) - cassianufpel@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – heidenroberto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda as ações desenvolvidas pelo coletivo acadêmico antissorofóbico intitulado *positHIVES*, constituído na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) por estudantes e professores de cursos de graduação dessa e de outras instituições, contando também com a participação de diversos colaboradores externos. Nosso coletivo tem origem como um projeto de ensino, objetivando inicialmente construir um saber coletivo, politizado e crítico sobre alguns debates que circunscrevem o HIV/AIDS no contemporâneo, enfatizando aqueles desenvolvidos em âmbito da psicologia, das ciências da saúde e de ativismos contemporâneos. Apesar disso, na medida em que caminhamos com o projeto, a partir de encontros e discussões, ainda que mantendo nossa meta inicial como panorama, transformamos/atualizamos nossos objetivos e caminhos, nos tornando, assim, o coletivo que por ora apresentamos, o qual ainda se mantém inacabado, aberto a mudanças.

O propósito desse coletivo é fundamentar ações e vínculos afetivos a partir de um objeto disparador - discussões realizadas acerca de temáticas que orbitam o HIV/AIDS - e, também, discutirmos como percebemos uma metamorfose no fluxo relacional do grupo/coletivo. Neste texto, tecemos uma narrativa que visa elucidar a forma como atualizamos nossas dimensões e nossos horizontes. Outro aspecto importante é relatar como são alcançados novos limites acadêmicos e pedagógicos. Passamos de um grupo de estudos concentrado em uma relação disciplinar docente-discentes para um coletivo acadêmico diversificado, não-hierárquico, o que corresponde a uma lógica pós-disciplinar e que se estrutura circunstancialmente, levando em conta diversas formas de saber e aprender e assumindo-se que há diversos possíveis pontos de chegadas em nossas caminhadas, e que os aprendizados e resultados são construídos ao longo desses percursos.

2. METODOLOGIA

As atividades do grupo em questão, bem como a escrita deste texto fazem uso do método cartográfico, o qual tem como pressuposto teórico metodológico a presença da implicação de quem pesquisa, ou seja, a partir da cartografia, assume-se a subjetividade como participativa do processo (PAULON, ROMAGNOLI, 2010). Esse movimento de implicação subjetiva ocorreu, em nossa experiência de coletivo, na medida em que, por exemplo, nossa construção foi sendo desenvolvida a partir de pistas encontradas nas próprias discussões e experiências vividas entre os participantes. Diante disso, fomos permitindo que os trajetos percorridos pelo grupo dessem indícios de resultados através de atos de

registro que se sucedem e se entrelaçam no fazer da pesquisa (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2020).

Nesse sentido, a escolha do método cartográfico também se dá na medida em que entendemos que há coerência entre as bases metodológicas da cartografia e o modo pelo qual o coletivo positHIVES se articula, bem como com a proposta pós-disciplinar de ensino-aprendizagem e a prática de uma pedagogia radical, as quais nos amparam enquanto coletivo. Pensamos isso ao considerarmos, no caso do nosso grupo, que o saber e as relações se produzem com o objetivo de subsidiar a emancipação dos sujeitos envolvidos. Essa construção implicada entre os atores envolvidos com a cartografia tem por meta possibilitar uma constante reformulação da dinâmica teoria-prática e do próprio campo de investigação (BARROS, KASTRUP, 2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente éramos caracterizados como um grupo de estudos que buscava métodos e visões com foco na história que circunscreve o HIV/AIDS, utilizando, para isso, diversas ferramentas de estudos que possibilitaram leituras e discussões acerca da temática. Com o passar dos encontros (que ocorreram predominantemente de forma online por conta da pandemia de COVID-19), percebemos que, a cada discussão que surgia, éramos levados a adquirir um saber livre de julgamentos e normas disciplinares, revestidos pela nossa subjetividade e diversos afetos. Assim, o sentido acadêmico-tradicional de um projeto dessa natureza foi se dissipando e dando espaço para ações desprovidas de uma hierarquização de saberes e indivíduos que, costurados com nossos referenciais teóricos, fundamentam assim o coletivo.

Partindo desse ponto, nos alinhamos às práticas condizentes com a lógica da pós-disciplinaridade, vista de dentro do nosso coletivo, como diversos mecanismos que proporcionam ações onde cada integrante pode se sentir à vontade para se expressar, independente do grau do seu saber: constroem-se assim exercícios em que novos questionamentos emergem, bem como novos pensamentos e compreensões são construídos, sempre se tendo em consideração a premissa de que cada indivíduo desenvolve o seu saber e a sua subjetividade a partir de diferentes lugares e maneiras (MORAES, MARRA, SIMIONE, 2016).

Para auxiliar na compreensão de nosso próprio processo relacional, fazemos o uso do conceito de *lugar comum*, trabalhado por REVEL (2012). A autora aponta para a ideia de um *espaço* constituído a partir do que ela chama de comunalidade nas diferenças, ou seja, um espaço que, a partir da colisão entre diferentes saberes, experiências e narrativas constitui um coletivo, um *lugar comum* (REVEL, 2012). Esse movimento de compartilhamento de experiências e colisão de diferenças, acontece em diversas das ações desenvolvidas pelo grupo, na medida em que estas, quando realizadas, tem como pretensão que haja uma presença ativa dos discentes e docentes, a partir da qual poderá se dar essa troca e trânsito entre os saberes, sempre atentos ao contexto (FREIRE, 2019).

Uma das primeiras ações desenvolvidas pelo coletivo positHIVES a partir do tema do HIV/AIDS, foi a construção de museus pessoais a partir de um viés performático. Essa prática foi explorada a partir de um exercício dramaturgista, onde o intuito foi o de que cada integrante pudesse escolher objetos que remetessem a uma relação histórica ou simbólica com o HIV/AIDS dentro da sua história de vida. Esses objetos foram inseridos nessas narrativas para que fossem

assim apresentados aos demais participantes. O resultado desse exercício serviu como norteador para diversas discussões no coletivo perante cada relato individual. Foi possível evidenciar afetos, conhecimentos e diferentes visões sobre como se deu a epidemia e de como aquilo fazia parte da vida de cada um, no que pese a sorologia negativa de seus integrantes.

Dentre as diversas ações de positHives, destacamos a criação e manutenção de um perfil do coletivo em rede social que permita a atualização dos simpatizantes e seguidores, com caráter informativo no que concerne ao tema HIV/AIDS. Através deste perfil, foi possível a divulgação de entrevistas realizadas com profissionais da área da saúde e artistas que também compartilham do nosso caráter antissorofóbico, crítico e politizado. Considerando que, durante a pandemia de COVID-19, as formas de comunicação se concentraram no meio virtual, procurou-se levar as experiências do coletivo e a conscientização a respeito do tema do HIV/AIDS para grupos maiores através desse espaço.

Outro aspecto importante enfrentado pelo grupo e que emergiu ao longo das discussões, foi a necessidade de se ter acesso a uma memória coletiva sobre a história do HIV/AIDS em Pelotas e região, já que pouco se aborda esse aspecto da história da epidemia na mídia e estudos sobre o tema no geral, que costuma ser explorado a partir do ponto de vista e das experiências dos grandes centros urbanos do país. A exclusão da periferia nessa narrativa de caráter mais hegemônica limita nossos pensamentos quanto aos atravessamentos sociais circunscritos ao tema, o que, por meio de uma perspectiva interseccional (AKOTIRENE, 2019), revela-se como algo importante para ser desenvolvido conjuntamente.

Outra ação do nosso coletivo foi a realização dos eventos nomeados “PrEP Itinerante” na cidade de Pelotas, que consistem em um movimento que oferece testagem de IST's, aconselhamento psicológico, conscientização antissorofóbica e a disponibilização de PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) como meio de prevenção para sujeitos que queiram iniciar o tratamento preventivo com o medicamento. Essa ação teve como membros de organização docentes e discentes tanto da UFPel quanto da UCPel (Universidade Católica de Pelotas), além de profissionais municipais que atuam na área, predominantemente do SAE (Serviço de Assistência Especializada) e da Secretaria de Saúde. Os participantes se dividiram entre realizar abordagem às pessoas que passavam pelo local onde estava acontecendo a atividade, a distribuição de panfletos informativos, a realização de entrevistas com os interessados em realizar a testagem e/ou obter acesso ao PrEP. Foi ainda disponibilizado um jogo informativo com a temática de HIV/AIDS. A primeira edição do PrEP na Rua de Pelotas aconteceu no dia 1º de dezembro de 2021 e esteve associada à Semana da Diversidade de Pelotas. A atividade ocorreu no centro da cidade de Pelotas, já a segunda edição foi realizada em maio de 2022 em espaço Institucional localizado no bairro Dunas.

Em virtude do nosso desenvolvimento enquanto coletivo, nos apoiamos em pensamentos e criamos ações que foram de encontro com as práticas de uma pedagogia radical, trabalhada por GIROUX (2017). Essa lógica se caracteriza por feitos de um ensino-aprendizagem com a atenção voltada para os contextos sociais, compactuando com as nossas ideias de engajamento político-social articulado a atuações que priorizam e respeitam as subjetividades presentes. Com isso, nossas colaborações enquanto coletivo se diversificam perante a quantidade de influências atuantes, pertencentes a sujeitos que se identificam a

grupos socialmente minoritários e que trabalham articulando meios de divulgação e conscientização a respeito dos temas focados por nosso projeto em sociedade.

4. CONCLUSÕES

Este resumo abordou as descobertas, movimentos e ações antissorofóbicas de um coletivo acadêmico que se percebe realizando uma prática educacional pós-disciplinar. A partir da presente discussão, procuramos expor os exercícios produzidos pelo encontro dos integrantes, agenciados pelos afetos e pelas possibilidades que surgem na presença de cada um. Nosso trabalho com a temática do HIV/AIDS continuará se estendendo e nos aproximando de novos temas e experiências, como fez com a pedagogia radical, pós-disciplinaridade, métodos de escrita e pesquisa ficcional, interseccional e cartográfico, uso de redes sociais, entre outros. Assim, essa discussão não se engessa, porém, coloca-se como um convite para que o leitor reflita sobre como se põe a frente da temática do HIV/AIDS, sobre como ocupar espaços buscando a diminuição dos preconceitos que nos atravessam, assim como podemos todos nós aprendermos e agirmos a partir de nossas experiências, trocas, afetos, memórias, referenciais, processos e percursos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, K. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Polén, 2019

BARROS, L. P.; KASTRUP, V.; Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 52-75

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 68ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

GIROUX, Henri. **Pedagogias Radicais**. São Paulo, Cortez, 1983.

MORAES, M. A. de; MARRAS, S.; SIMIONI, A. P. C. Disciplinar, inter-trans-multi-pós-disciplinar. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 64, p. 14-16, Aug. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742016000200014&lng=en&nrm=iso>. acessos em 10 de agosto de 2022.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliâne; Apresentação. *In*: PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virginia, ESCÓSSIA, Liliâne. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 7-9.

PAULON, Simone; ROMAGNOLI, Roberta. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, n. 1, p.85-102, 2010. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a07.pdf>>. Acesso em out. 2021.

REVEL, Judith. **Lugar comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1, n. 1, (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ, n. 35-36 set. 2011-abr. 2012.